

SOBRE AS MANEIRAS DE DRIBLAR A MORTE + TRÊS EXERCÍCIOS PARA UM SALVAMENTO

ABOUT THE WAYS TO CHEAT DEATH + THREE EXERCISES FOR A RESCUE

Luciana Borges

*E por que não causaria espanto
Entre casarões e calafrios
Um porto já sem o seu rio.*

Mover-se calmamente nessa falta de lugar. Olhando pela janela na casa nova da cidade nova ela tenta conceber modos claros e precisos de deixar a vida. Qual seria o menos doloroso? Haveria algum de ausente dor? O sol das oito da manhã já muito alto e quente – arregalado – como dizem as pessoas aqui, ela pensa. Se ela fosse morrer, escolheria um momento de sol menos forte. Ou então o extremo: um dia típico, sol vermelho-laranja entre o cinza da névoa seca às cinco da tarde, as árvores imóveis em sua beleza retorcida de paisagem do cerrado. Assim, fecharia o ciclo.

Nada de acordar cedo, dormiria até tarde com o ar condicionado ligado no máximo para estar bem descansada, afinal, sempre julgara que morrer, assim como matar, requer uma certa dose de força. Sairia para almoçar com um dos seus poucos amigos, cochilaria depois como é de praxe, entontecida. Resolveria algumas pendências financeiras; algumas porque nem todas são resolvíveis de uma tarde para outra.

Deixaria tudo mais ou menos limpo, apagaria os arquivos suspeitos do computador, os e-mails esquecidos na caixa de entrada. Daria uma última olhada na sua página pessoal da rede de amigos virtuais, mas não, não deixaria nenhuma despedida. Ninguém deveria desconfiar de nada; por trás do ceticismo cotidiano e da habitual franqueza e acidez do humor, ninguém diria que habita alguém que pretende morrer, a mornidão que envolve os dias.

Uma corda, um copo, um fio de faca, uma queda, um impacto. Mover-se calmamente nessa falta de lugar. Olha o espaço em frente, o mato começa novamente a crescer, paisagem comum de depois que a chuva cai pela primeira vez e os pequenos tufos de praga começam a adivinhar-se na terra

deserta. Sai à porta com o copo d'água na mão. Uma moça passa empurrando a bicicleta sob o sol escaldante, o bebê na cestinha da frente parece gostar do vento quente e do sol – crescerá acostumado, não terá falta de lugar?

Lembra-se de quando fora ao sul pela primeira vez. A paisagem era cinzenta e até os mendigos pareciam ter sempre olhos azuis. Porque diabos agora se lembrava do sul? Lá nem era seu lugar. Um fio de faca, uma queda ou um copo? Definitivamente, não morreria naquela cidade. A morte existe de várias maneiras insuspeitas e é necessário cumprir ainda certas tarefas do dia, como guardar aquele copo depois de limpo e arrumar-se para ir à reunião na universidade, afinal, oferecera carona à amiga e não poderia deixá-la na mão.

EXERCÍCIOS PARA UM SALVAMENTO

I

Salvar-se em um apartamento com varanda. Pelo menos de lá o vento balança um pouco os cabelos escovados nos dias em que as árvores não parecem ser tão de plástico. Agora, ela poderia sistematizar o tempo. Num dia existiam muitas horas. Particularmente naquela cidade havia mais horas vazias do que em todos os outros lugares em que havia estado. Não que não houvesse o que fazer, trabalho pra terminar e conflitos pra se resolver. Mas esta mulher sabe que as horas daqui são diferentes. Não era só a falta do horário de verão ou a temperatura ambiente que deixava o cotidiano e os gestos mais lentos. Ela e todos sabiam que não era apenas isso. O amigo do sul havia lhe dito. A tecnologia acelera o tempo e diminui as distâncias. Ele teria mesmo razão. Salvar-se na varanda: dali poderia ver os passantes, meninos escuros de bicicleta no caminho da praia no domingo às cinco da tarde, a água descendo com o suor pelas costas; meninas com saias hiper curtas e as blusas de tirinha descobrindo a nudez da pele e o sorriso branco inexplicável.

O que seria válido desta vida nesta cidade, de onde se diz que se chega para iluminar a vida alheia – seres de luz. Era isso que a mulher pensava quando pedia licença para falar das existências, dela e dos outros. Não se sabe o que acontece quando não acontece nada e nessa narrativa talvez não houvesse nada pra ser contado. Há apenas as paredes verdes – arremedo de esperança ou mera coincidência, golpe do acaso pra fazer resistir um pouco mais, deixar de pensar naquilo que não há. Preencher as horas vazias com uma narrativa inventada de força e resiliência quando tudo se distende ao infinito.

Mesmo quando o menino bonito saído do paraíso vai dormir na casa dela, anda nu pela varanda e preenche os cômodos com seu riso de criança, ela sabe o tamanho do vazio.

II

Salvar-se morando numa casa com varanda. Lá poderia receber os amigos pra tomar um bom vinho. Mesmo nos dias quentes em que nada faz a temperatura dos líquidos baixar e o gelo se derrete em segundos. Mesmo nos dias em que apenas a grama embaixo dos coqueiros refresca a noite de comidas e conversas com os amigos às vezes chatos que nunca vão embora. Mas o que fazer, seus coqueiros fazem da casa um oásis, refúgio de solidões esparsas. Era tanto verdade que os coqueiros da vizinha só tinham cocos amarelados e mortos, enquanto os dela jorravam verde e água. Salvar-se na varanda ouvindo boa música numa ilha de bom gosto. Conversando intelectualidades num espaço de barbárie. Discutir a vida de quem se perdeu neste lugar e fugir da iminência constante da própria perda. Distrair-se lendo livros e pensando nos outros pra comprar e ler e nos projetos para escrever e nos poemas escritos no teto do quarto com luz acesa e medo do escuro.

Ela sabe que se não fossem as pessoas, mesmo o menino que quer tomar conta da sua vida, seria impossível livrar-se das horas vazias, da saudade de ser alguém que ficou perdida, na areia longínqua de uma cidade sem mar. Salvar-se de uma vida de sem e de nunca, de todas as coisas que se vão para jamais. Salvar um amor que só recebe alento a cada temporada de férias, salvar-se nesse amor. Nos dias em que a solidão é maior do que a varanda, ela lava o cabelo cacheado e fuma desesperadamente.

III

Salvar-se sendo vizinho dela no prédio com varanda. Welcome home, ela lhe disse quando ele quis comprar toalhas novas para a mesa. Mas o tapete da porta de entrada continuou o mesmo, porque nem tudo nessa vida é mutável. Um pouco da rotina se alterou, agora não dava mais pra seguir um script tão formatado, nem passar cada hora vazia em sua sala na universidade, com a amiga morando do lado.

A rotina se perderia definitivamente com a desordem do amor – este sim, a gota d’água no lago tranqüilo. Agora a grama já não cresce em silêncio e o corpo quase adolescente que se deita a seu lado na cama estreita jamais lhe deixa a cabeça descansar.

Ser salvo da paz da solidão, perder-se na periclitância da companhia errante. Conviver com o não-saber do futuro e do agora e do amor e do afeto, conviver com a possibilidade simultânea de uma felicidade extrema e de uma dor incalculável. Morar com a varanda e salvar-se de ser abandonado sozinho – agora, ser abandonado e ter pelo menos alguém a quem mostrar a dor. Salvar-se tendo alguém no apartamento vizinho.

Luciana Borges é professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão. Atualmente cursa doutorado em Estudos Literários pela UFG. Já publicou poemas e contos em Antologias Literárias e artigos sobre Literatura em revistas acadêmicas.